http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v39a2025-74635

Dramáticas da filosofia, ou de um pensamento filosófico radicalmente aliado à sensibilidade artística: Agostinho da Silva, Platão de Colito, Fernando Pessoa

Amon Pinho[*]

Resumo: O tema deste artigo é a concepção de filosofia distintiva da obra do filósofo e educador luso-brasileiro George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994). Objetiva-se a definição e a caracterização da ideia agostiniana de filosofia não como uma analítica, uma gramática da filosofia, mas como uma performática, uma dramática filosófica, na qual o filosofar é também um poetar e em que a racionalidade do pensamento filosófico se encontra estreitamente relacionada com a embriaguez da sensibilidade artística. A argumentação estrutura-se e desenvolve-se por meio de três recortes – etimológico, epistemológico e ontológico – e através de articulações entre os pensamentos de Agostinho da Silva, Platão de Colito e Fernando Pessoa. A consideração final a que se chega concerne a uma ideia de filosofia como modo poiético de vida.

Palavras-chave: Dramáticas da Filosofia; Filosofia Enquanto Poesia; Agostinho da Silva; Platão de Colito; Fernando Pessoa.

[*] Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor em Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: amonpinho@yahoo.com.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5418286580636246. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3704-0682.

Dramatics of philosophy, or on a philosophical thought radically allied to artistic sensitivity: Agostinho da Silva, Plato of Collytus, Fernando Pessoa

Abstract: The subject of this article is the conception of philosophy that is distinctive to the work of the Portuguese-Brazilian philosopher and educator George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994). The aim is to define and characterize Augustinian idea of philosophy not as an analytic, a grammar of philosophy, but as a performative, a philosophical dramatics, in which philosophizing is also a poeticizing and in which the rationality of philosophical thought is closely related to the inebriation of artistic sensitivity. The argument is structured and developed through three approaches – etymological, epistemological and ontological – and through articulations between the thoughts of Agostinho da Silva, Plato of Collytus and Fernando Pessoa. The final consideration reached concerns an idea of philosophy as a poietic way of life.

Keywords: Dramatics of Philosophy; Philosophy as Poetry; Agostinho da Silva; Plato of Collytus; Fernando Pessoa.

Dramáticas de la filosofía, o de un pensamiento filosófico radicalmente aliado a la sensibilidad artística: Agostinho da Silva, Platón de Colito, Fernando Pessoa

Resumen: El tema de este artículo es la concepción de filosofía característica de la obra del filósofo y educador portugués-brasileño George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994). El objetivo es definir y caracterizar la idea agustiniana de filosofía no como una analítica, una gramática de la filosofía, sino como una performática, una dramática filosófica, en el que el filosofar es también un poetar y en el que la racionalidad del pensamiento filosófico está estrechamente relacionada con la embriaguez de la sensibilidad artística. El argumento se estructura y desarrolla a través de tres enfoques – etimológico, epistemológico y ontológico – y a través de articulaciones entre el pensamiento de Agostinho da Silva, Platón de Colito y Fernando Pessoa. La consideración final alcanzada se refiere a la idea de la filosofía como forma poiética de vida.

Palabras clave: Dramáticas de la Filosofía; Filosofía como Poesía; Agostinho da Silva; Platón de Colito; Fernando Pessoa.

O que em mim sente está pensando
(Fernando Pessoa. Ela canta, pobre ceifeira).

Entre as conceituações desde as quais poderíamos definir o segmento propriamente filosófico da multifacetada obra humanista, militante e crítica de Agostinho da Silva – o filólogo, filósofo e educador luso-brasileiro que tão relevantes e duradouras contribuições deu para a vida acadêmico-científico-cultural do Brasil e Portugal novecentistas –, a de filosofia enquanto poesia intrinsecamente se impõe. Consistentes são as razões. Na esteira de Platão de Colito, umas, na de Fernando Pessoa, outras – para tematizarmos apenas dois dos pensadores que, perante Agostinho da Silva, nessa visada, fizeram-se referenciais.

Por que "filosofia enquanto poesia"? Para ensaiarmos uma resposta preambular, "filosofia enquanto poesia" porque o que encontramos fundamentalmente no pensar de Agostinho da Silva não é bem uma gramática da filosofia. Não deixa de ser uma gramática, uma analítica da filosofia, sobretudo da filosofia antiga greco-latina, dos pré-socráticos aos estoicos gregos e romanos. Mas, mais do que uma gramática da filosofia, aquilo com que nos deparamos, no pensar agostiniano, é com uma dramática da filosofia. Ou, se melhor expresso, uma dramática filosófica, isto é, uma performática, uma encenação, um teatro filosófico.

Perspectivando o conjunto da volumosa obra de Agostinho da Silva, quantitativa e qualitativamente, definiria como três as razões que potencialmente remetem o intérprete à ideia de uma dramática filosófica:

Em primeiro lugar, a inclinação de Agostinho da Silva em, frequentemente, colocar-se por meio de diferentes pseudônimos, em se desdobrar em personagens e mesmo heterônimos, numa prática presente, de distintas maneiras, tanto na obra de juventude como na de maturidade.

Em segundo lugar, e articuladamente, o seu interesse central pela filosofia de Platão, bem como pelo gênero do diálogo como forma de apresentação do saber filosófico. Gênero por meio do qual Platão concebeu o fundamental de sua obra, pondo em cena, como dialogantes, personagens

históricos ou ficcionais. As chamadas *dramatis personae*, as personagens dramáticas de Platão, tendo sido Sócrates a principal delas.

Em terceiro lugar, e também conexamente, a empatia literária, historiológica e metafísica com a obra de Fernando Pessoa, a quem consagrou, nos anos 1950, um ensaio pioneiro intitulado *Um Fernando Pessoa*, no qual se ocupa tanto do poeta ortônimo, Fernando Pessoa, quanto dos seus principais heterônimos, seus "dramas em gente"[1], Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, nomeadamente.

Segundo a abordagem que aqui propomos, três portanto são as razões que sinalizam ao intérprete não uma gramática, mas uma dramática agostiniana da filosofia. O pôr em cena um drama, uma peça, uma vasta e diversa trama discursiva, na qual o pensamento filosófico contracena criadora e criativamente, de múltiplas maneiras, com a sensibilidade artística.

Em Agostinho da Silva, o filósofo é filósofo, mas não é filósofo apenas, é também poeta. Um filósofo-poeta, semelhantemente a Platão, ou um poeta-filósofo, semelhantemente a Pessoa, que na sequência procurarei conceituar por meio de três recortes: um recorte etimológico, um recorte epistemológico e, por fim, um recorte ontológico.

Etimologicamente, como se sabe, o substantivo poeta vem do verbo grego *poiein*, que significa "fazer", "fabricar", "criar", "construir". Poeta é aquele que se dedica à *poiesis*, entendida como uma atividade ou produção criadora. Daí, não por acaso, Aristóteles, na *Poética*, defini-lo fundamentalmente como um fabricante, um construtor ou um criador de enredos. Na epopeia, na comédia e modelarmente na tragédia, o poeta fabrica, estrutura em enredo a ação dos personagens e os acontecimentos. Estruturação necessária, causal, verossímil, de tipo mimético, dotada de unidade de ação e extensão, constituindo um todo ordenado de partes estreitamente concatenadas, que tem por objeto os grandes dramas humanos universais. Universais porque verdadeiramente humanos. E porque verdadeiramente humanos, poéticos, catárticos e filosóficos.

[1] Cf. PESSOA, Fernando. Tábua bibliográfica. *Presença*. *Folha de arte e crítica*, Coimbra, n. 17, p. 10, 1928.

Etimologicamente, portanto, o filósofo-poeta que Agostinho da Silva foi pode ser perspectivado como aquele que se lança ao fazer poiético, à criação de enredos literário-filosóficos; enredos de caráter eminentemente dramático, sem dúvida, dos quais, como temos visto, não fora Aristóteles senão Platão o precursor mais notável. Solidamente formado nas lidas da filologia clássica, no estudo afincado dos antigos autores gregos e romanos, Agostinho da Silva mergulhou fundo na obra de Platão, tendo-nos legado uma interpretação apurada e original do insigne e, ao que tudo indica, dileto discípulo de Sócrates.

Platão surge-lhe a um tempo como filósofo e poeta, como um pensador com "Dotes maravilhosos de escritor", que de Sócrates nos transmite "Um retrato mais vivo, mais dramático".

> Platão, antes de ter encontrado Sócrates, pensou em dedicar-se ao teatro, mas a influência pessoal do pensador levou-o para o campo da exploração e discussão das ideias: no entanto, as suas obras conservam nítida a marca da primeira vocação [de tragediógrafo] e Sócrates surge-nos como uma personagem de drama, bem caracterizado, com uma psicologia em que se não descobre a mínima incoerência e tão perfeito, tão sedutor, tão acima da humanidade do seu tempo, e de todos os tempos, que se levantaram suspeitas sobre a verdade do retrato, e até sobre a autenticidade da figura (Silva, 2019, p. 185).

Entre outros predicados poéticos do pensamento filosófico de Platão, Agostinho da Silva ainda afirmará que o valor artístico dos diálogos platônicos "Iguala o seu valor filosófico, pela variedade e elegância do estilo, pela sobriedade das descrições, pelo voo poético da imaginação, pela *perfeição da técnica dramática*, pelo *poder de criação de personagens*" (Silva, 2019, p. 306, grifos meus).

Tão significativa foi a repercussão, no espírito de Agostinho da Silva, do elevado sentido do artístico na filosofia de Platão, que ele chega mesmo a considerar os diálogos platônicos, em sua fase socrática, como "o maior drama

da literatura grega: nenhuma composição de Ésquilo, de Sófocles ou de Eurípides atinge a superior grandeza dos diálogos" (Silva, 2019, p. 209).

O valor literário dos diálogos platônicos, portanto, apresenta-se como superior ao dos três grandes nomes – Sófocles, Eurípides, Ésquilo – da tragédia grega, forma de composição poética que já Aristóteles considerava a mais perfeita, completa e elevada (Aristóteles, 2011, p. 47). Nesse sentido, nada mais oportuno, então, do que lembrarmos o Nietzsche de *O Nascimento da Tragédia*, quando sentencia que Platão realizou a sua vocação dramatúrgica por meio de um desvio filosófico (Nietzsche, 2007, p. 85-86). Isto é, Platão, tendo sido filósofo, foi no fundo também um dramaturgo; e tendo feito filosofia, fez igualmente teatro. Filosofia à Apolo – com racionalidade, ordem, equilíbrio, clareza de ideias. Teatro à Dioniso – com *poiesis*, representação dialógica de personagens, encenação dialética de máscaras: as máscaras dionisíacas do filósofo dramático Platão (Nails, 2002).

E com essa referência ao apolíneo e ao dionisíaco, é-nos facultado transitar do recorte etimológico para o recorte epistemológico na caracterização do pensamento poético-filosófico de Agostinho da Silva. Pois se podemos dizer que a filosofia é, também do ponto de vista epistemológico, poesia, *poiesis*, isso se deve ao fato de que à construção do conhecimento protagonizada por uma razão apolínea está articulada uma embriaguez dionisíaca – embriaguez estética e mística – que, em lugar de obstaculizar, potencializa a capacidade cognitiva da razão, na medida mesma em que a torna consciente de que não há pensamento que se dê em separado do sentimento, não há um pensar acerca do eu como do mundo que não seja também, simultaneamente, um sentir. Logo, um pensar-sentir, um pensamento-sentimento, um conhecimento que também é arte, uma *gnosis* que concomitantemente é *esthesis*.

Se, por um lado, a sumarização da filosofia de Descartes encontrou expressão na divisa *Cogito ergo sum* ("Penso, logo existo"), assim como, por outro lado, a filosofia de Nietzsche sintetizou-se no dístico *Vivo ergo cogito* ("Vivo, logo penso") – que inverte a divisa cartesiana –, a filosofia de Agostinho da Silva poderia ser condensada, à maneira de uma síntese superior (*Aufhebung*) de Descartes com Nietzsche, nos termos do lema "Pensar é

viver" e da ideia de que ao "pensamento perfeito" deve corresponder "a perfeita vida"[2].

Para Agostinho da Silva, o que havia de mais importante no magistério de um mestre, frente a seus discípulos, era o cumprimento da difícil tarefa de orientá-los no hábito e no amor do pensamento, acostumando-os a chegarem sempre ao fim dos seus raciocínios, a não se cansarem e desistirem a meio; de maneira que os discípulos tomassem as ideias como guias da vida (Silva, 2019, p. 411). Nesse sentido, um raciocínio completar-se-ia propriamente, ou melhor, um raciocínio poderia ser tido como completo quando se consumasse na ação da qual foi o guia.

Encontramo-nos aqui perante o paradigma da filosofia como maneira de viver – tal como o entendeu o filósofo francês Pierre Hadot[3] e, antes dele, Agostinho da Silva –, paradigma sob o qual a filosofia é concebida não somente como discurso, mas sobretudo como forma de conduta e modo de vida inspirados num ideal de sabedoria, e comprometidos com o exercício cotidiano e concreto desse ideal de sabedoria na forma de um viver o mais sábio possível. *Tópos* filosófico privilegiado das épocas clássica e helenística (do século V a II a.C., portanto), em Sócrates e Platão, no epicurismo e no estoicismo, o paradigma da filosofia como modo de vida está no centro da concepção agostiniana de filosofia enquanto poesia, sendo dela inseparável e constitutivo.

Cultor da sabedoria como forma de conduta referenciada no conhecimento e sentimento acurados da vida e do mundo, para Agostinho da Silva, a meta decisiva a ser atingida era a da trama do discurso

---

[2] Cf., respectivamente, DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (p. 38-39); NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005 (p. 172); e SILVA, Agostinho da. *Filosofia enquanto Poesia*: Sete cartas a um jovem filósofo, Conversação com Diotima, Filosofia nova e outros escritos. Organização, seleção e fixação de textos, posfácio e notas de Amon Pinho. São Paulo: É realizações, 2019 (p. 411).

[3] Cf., por exemplo, HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

filosófico entretecido à urdidura empírica da vida. Pensamento é vida e vida é pensamento. Pensamento e vida perfazem-se mutuamente.

E, ao assim completarem-se, dão curso pleno e objetivo ao paradigma da filosofia como maneira de viver. Viver que, em toda a sua exuberante diversidade (no meio natural como no espaço das culturas), em toda a sua intrigante complexidade (física e metafísica), interpela desafiadoramente o intérprete, dele requerendo tudo, tudo o que tem de *lógos* (razão), como tudo, tudo o que tem de *páthos* (paixão) e *êthos* (maneira de ser). Apolo e Dioniso, Afrodite (deusa do Amor) e Atena (deusa da Inteligência), *Kháos* e *Kósmos* tomam o filósofo de assalto. Filósofo que é poeta não apenas porque constrói (fabrica) tramas discursivas – sistemáticas ou aforismáticas. Mas que é poeta sobretudo porque, fazendo uso da razão, outrossim uso faz da intuição, da imaginação e da sensibilidade na sua interação hermenêutica com esta totalidade contraditória, trágica e prodigiosa que é o mundo, se se põe como seu propósito apreendê-la (conhecê-la) com rigor e em profundidade.

Noutros termos, o que se quer dizer é que se "pensar é viver" – segundo a complexidade e diversidade superlativas que o viver, não raro, implica –, pensar necessária e inseparavelmente é também sentir, assim como é agir. Logo, o que se coloca aqui é um pensar-sentir-agir por meio do qual se processa o conhecer da multiplicidade vertiginosa que o mundo é e que somos nós, todos e cada um.

Na autoevidência da multiplicidade referida, aliás, é que repousa a propriedade de igualmente procurarmos iluminar o pensamento poético-filosófico de Agostinho da Silva também pelo viés ontológico.

Na formulação já clássica de Heidegger do ser do ser humano como *Dasein*, como existência, ser-humano-aí, importa reconhecermo-nos como seres-no-mundo, seres-com-os-outros e seres-para-a-morte[4]. Importa reconhecermo-nos, portanto, em nossa historicidade radical, num mundo – ou oportunamente dito, num teatro do mundo – que é incessantemente

[4] Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Organização e tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

trânsito, movimento, tempo, temporalidades, metamorfose. *Theatrum mundi* em que somos crianças, púberes, adultos e anciãos. Pais, filhos ou filhas, amigos ou inimigos, simpáticos ou antipáticos, criadores ou destruidores. Tantas facetas, tantos papéis, tantas personas as que, no espaço de uma vida finita, sucessiva ou contemporaneamente, somos. Tantas personas, isto é – uma vez mais recorrendo à etimologia –, tantas máscaras. Pois "persona" em latim significa "máscara".

Máscaras como aquelas que o teatro filosófico de Platão representou por meio de suas *dramatis personae*. Ou como as que Fernando Pessoa e Agostinho da Silva vergaram na forma dos seus pseudônimos, personagens e heterônimos. Máscaras, ainda e afinal, como as que, a cada aqui e agora, sucessivamente, todos nós expressamos. Em todos os momentos, de diferentes modos, encontramo-nos sempre em *performance*, vergando máscaras, atuando natural e espontaneamente.

Todo o poeta é um ator, afirma Agostinho da Silva (2019, p. 133). Todo o poeta é um fingidor, diz Fernando Pessoa (1992, p. 164-165). Ambas as afirmações no sentido de que todo o poeta é um criador. É ele e não apenas ele; é ele e suas criações, seus personagens, suas máscaras. Máscaras, a rigor, intrínsecas a todo o "eu" humano. Máscaras de poetas do viver cotidiano que, no plano ontológico, todos nós somos: criaturas criadoras e múltiplas em metamorfose constante.

A fecundidade dessa abordagem de ordem ontológica que reconhece e problematiza a multiplicidade em trânsito que somos, completa-se, todavia, para Agostinho da Silva, quando junto às questões da ortonímia, da pseudonímia e da heteronímia, põe-se a questão referente ao anônimo, à anonímia, ao que não tem nome. Questão acerca da qual George Agostinho observa o seguinte:

> Nunca tendo estado ligado [...] a qualquer movimento político, sem embargo se algum interesse existe em mim é o do político, o da organização do mundo. Creio ser necessário caminhar para uma utopia, no seu sentido real, como algo de cuja impossibilidade prática todos tenham consciência. Costumo usar uma fórmula um tanto paradoxal: a realização da utopia por meio da

> matemática, isto é, não avançar com nada que não seja certo, seguro, racional e experimentado, mas de modo a caminhar para uma utopia, para o impossível. Tomar o previsível como via de acesso ao imprevisível. *É aqui que a filosofia me interessa: para lançar a confusão no espírito daqueles que me procuram, minar as suas certezas de modo a permitir a emergência daquilo que neles é fundamental*. Como Fernando Pessoa, todos nós temos uma pluralidade de heterônimos, mas para lá dos nossos heterônimos *algo subsiste sempre de anônimo, de inominável, e é isso o fundo criador do que somos* (Silva, 1989, p. 58, grifos meus).

Definida como fundo criador da pluralidade que somos, a ideia agostiniana do anônimo não deixa de se aproximar da noção de *poiesis* que, no *Banquete*, apresenta-nos Platão (1991), onde *poiesis* é entendida, de forma muito precisa, como a atividade criadora que leva do não-ser ao ser[5]. Ou, nos termos do excerto *supra*, do anônimo ao ortônimo e do ortônimo ao heterônimo. Semelhante ideia do anônimo não deixa, também, de se aproximar da voz interior, do *daimon* – o espírito, o gênio – a que fazia menção Sócrates; ou, ainda, dos momentos em que dá Sócrates a entender ter estabelecido algum tipo de interação com o mundo dos deuses.

E cá nos surpreendemos, outra vez, nessa interface prolífica e promissora que, reiteradamente, proporcionam-nos o filósofo-poeta e sua filosofia enquanto poesia. Pois o filosofar enquanto poetar instaura sempre uma forma de pensar, de sentir e de agir – filosofia enquanto modo poiético de vida! –, que opera na instabilidade criadora própria às fronteiras incertas e ao limiar. Limiar cinético, dinâmico, poroso, entre o *lógos* e o *páthos*; a precisão, previsibilidade do conceito, e a liberdade, imprevisibilidade das artes; a consciência e o inconsciente; o controle em Cronos e o espanto em Kairós; o profano (etimologicamente, o que está "pró-", diante do templo) e o *fanum* (o templo ele mesmo).

[5] Cf. REALE, Giovanni. *Por uma nova interpretação de Platão*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Ediões Loyola, 1997.

Interface, ainda, que pela característica determinante que é a sua – a de definir-se como espécie de entrelugar radicalmente dialético de largo e generoso espectro, digamos, crítico-extático, da criação poético-filosófica –, faz-se afeita a uma experimentação arrojada do que para cada um se poderá constituir como esse fundo (*Grund*) sempre mais fundo (*Abgrund*) que fundo não tem (*Grundlos*). Donde experimentação cheia de reptos, riscos, deslumbres, dores, intelecções, vertigem, no e a partir do seio desse fundo criador e poiético do ser e de suas distintas formas mascaradas (ortônimas e heterônimas) de existência e aparição. Escavação, da finitude, infinita.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 4. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Organização e tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

NAILS, Debra. *The people of Plato*: A prosopography of Plato and other Socratics. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. *In*: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 164-165.

PESSOA, Fernando. Tábua bibliográfica. *Presença*. *Folha de arte e crítica*, Coimbra, n. 17, 1928.

PLATÃO. *O banquete*. Introdução, tradução do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 1991.

REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

SILVA, Agostinho da. *Filosofia enquanto Poesia*: Sete cartas a um jovem filósofo, Conversação com Diotima, Filosofia nova e outros escritos. Organização, seleção e fixação de textos, posfácio e notas de Amon Pinho. São Paulo: É Realizações, 2019.

SILVA, Agostinho da. *Dispersos*. Organização e apresentação de Paulo Alexandre Esteves Borges. 2. ed. Lisboa: ICALP: Ministério da Educação, 1989.

Data de registro: 30/07/2024

Data de aceite: 28/08/2024